

4.

JULHO · 2018

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*



MALEFÍCIOS DA DOENÇA NA POÉTICA DE ANTÓNIO FEIJÓ

THE HARMFUL EFFECTS OF DISEASES UPON HIS POETIC WORK

Esta breve reflexão pretende dar a conhecer os vários malefícios das doenças que afetaram António Feijó em diferentes fases da sua vida. Revisita-se os seus percalços clínicos que, apesar de parcamente desenvolvidos, permitem traçar uma linha cronológica dos seus padecimentos e aferir o grau de influência dos males descritos no seu rendimento criativo e nas suas escolhas temáticas.

This is a short description trying to give notice of the deleterious effects upon António Feijó poetic work as a result of diseases he suffered during different phases of his life.

The data of this poet's clinical history, although shortly described, permit a chronological line of his suffering and also to determine the degree of influence of suffering upon his creative work and thematic choices.

ANTÓNIO FEIJÓ, HISTÓRIA DA MEDICINA,
DOENÇAS, POESIA

ANTÓNIO FEIJÓ, HISTORY OF MEDICINE,
DISEASES, POETRY

JOÃO ARAÚJO PIMENTA

Estamos nesta casa a apresentar o tema “Malefícios da doença na poética de António Feijó”, um assunto do âmbito da história da medicina tratado num local oportuno para lembrar que aqui esteve instalado o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima (Fotografia 1) fundado no séc. XVI e remodelado no seguinte^[1].

Aqui permaneceu até à segunda década do século passado, quando a sanha iconoclasta do camartelo municipal lhe deu como que uma naifada, desventrou-o e alterou-lhe a volumetria. Transformou-o num quartel da GNR, e mais, descaracterizou o Largo da Matriz, “o adro da minha igreja” citado por António Feijó no tocante poema “Domingo em terra alheia “. Com a oportuna instalação da Biblioteca Municipal no espaço restante desse belo edifício, os ponte-limenses desfrutam agora de um local a prestar hospitalidade às letras.

Ainda é mal conhecida a patologia ou descrição das doenças de António Feijó, tal como a de outros indivíduos famosos. Escondiam, muitas vezes deliberadamente, pormenores dos males de que sofriam, criando assim embaraços aos investigadores, dada a carência de sintomas e sinais fiáveis para uma anamnese retrospectiva correta.

Tais dificuldades não encontraram os historiadores na elabora-

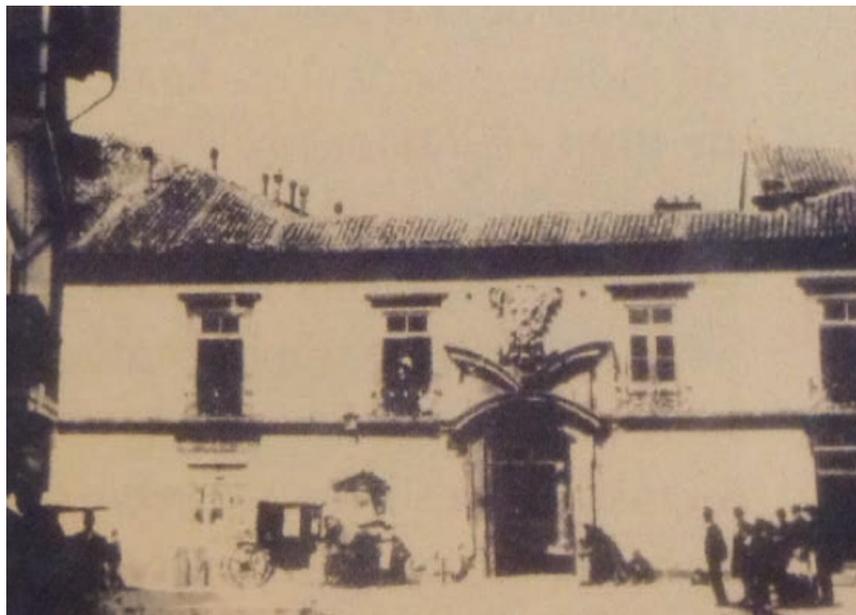


FIGURA 2.

O antigo Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima (Séc. XVI-XVII)

ção das patologias de algumas figuras da literatura do séc. XVIII, nomeadamente a francesa. E nesta, é paradigmática a de Gustave Flaubert^[2]. Este escritor, muito aberto na descrição das suas relações íntimas, revela-nos pormenores curiosos na sua epistolografia, como os da viagem atribulada que realizou pelo Oriente Médio, quando, por ocasião de uma visita a um lupanar em Beirute, contraiu duas doenças venéreas de uma assentada – a sífilis e a blenorragia –, surgindo-lhe, de entre as várias sequelas da primeira, a perda de dentes e de cabelo.

António Feijó não descreveu as suas doenças com minúcia seme-

“
*Este escritor, muito aberto
na descrição das suas relações
íntimas, revela-nos pormenores
curiosos na sua epistolografia,
como os da viagem
atribulada que realizou pelo
Oriente Médio (...)*
”

[1] LEMOS, MIGUEL R. REIS - ANAIS MUNICIPAIS DE PONTE DE LIMA. CMPL, 1936, P 64

[2] GUSTAVE FLAUBERT - THE SELECTED LETTERS OF GUSTAVE FLAUBERT, ED. GUSTAVE FLAUBERT - FRANCISCO STEEGMULLER, 1953

[3] OLIVEIRA, ALBERTO - ANTÓNIO FEIJÓ (AF), O QUE MORREU DE AMOR, IN AF, POESIAS COMPLETAS, ED. CAIXOTIM, 2004

[4] QUEIROZ, FRANCISCO T. - AF E OS POETAS CONTEMPORÂNEOS DA RIBEIRA LIMA. CONF. NA BIB. GERAL DA UC, 1936

[5] FEIJÓ, RUI - CARTAS DE AF A LUÍS DE MAGALHÃES (LM), IN-CM, 2004

[6] IDEM, IBIDEM - CARTA [63]



FIGURA 3.

António Feijó quando aluno liceal (1872-1876)

FONTE - Arquivo Pessoal de António Feijó (Arquivo Municipal de Ponte de Lima)

lhante à de este e outros autores, mas deixou-nos, dispersos na sua vasta epistolografia, muitos queixumes a permitirem avaliar as doenças que mais influenciaram a sua obra. Desse epistolário, salientamos o coligido por Ruí Feijó nos dois volumes “António Feijó - Cartas a Luís de Magalhães” editados pela IN-CM em 2004, a ultrapassar as 700 missivas, que já comparámos à arca de Fernando Pessoa, mercê da informação lá contida e ainda parcialmente explorada. Baseados sobretudo naquele acervo epistolar, procuraremos abordar algumas das doenças sofridas por Feijó com

influência na sua poética, assim como demonstrar que não morreu nem “de Amor”, nem de “um forte ataque de gota”^[3], conforme consta erradamente em algumas das suas biografias, pormenor que já em 1936 Francisco Teixeira de Queiroz questionou^[4].

Baseados na leitura da compilação de Rui Feijó^[5], pudemos ordenar os períodos das doenças do poeta no seguinte esquema cronológico: 1.^o Desde o nascimento (1859) até à conclusão do curso de Direito na Universidade de Coimbra (1883).

2.^o Desde o início da carreira diplomática no Brasil (1886) até ao regresso a Lisboa (1890).

3.^o Desde a chegada a Lisboa (1890) até à partida para Estocolmo (1891).

4.^o Desde a chegada a Estocolmo (1891) até à morte do poeta (1917).

No 1.^o período, em uma carta a Luís de Magalhães (LM), de fev. 1885, Feijó informou este seu amigo de ter contraído uma doença: “Eu andei doido aí pela volta dos 15 anos, quando era magro e tinha hemoptises; todo o meu período baudelairiano e todos os meus versos líricos são impressões dessa época tempestuosa – que passou depois de uma doença de 5 meses metido no leito. Ora aí tens os apontamentos para a minha biografia, que toda a gente ignora, e que eu não tenho mesmo empenho nenhum em tornar conhecidos”^[6]. É de presumir tratar-se de uma tuberculose pulmonar, frequente nessa época, curada graças aos segredos da Natureza e cuidados maternos, e certamente a causa

de, nessa idade, ter interrompido o curso liceal. Sustentamos este facto baseados na ausência de matrícula de Feijó no ano letivo 1873 - 1874, quando compulsámos os seus registos no arquivo do Liceu Nacional de Braga, onde cursou os preparatórios entre 1872 e 1876. Esta confiança do poeta traduz um exemplo da relutância, atrás descrita, de alguns autores quanto à revelação das suas doenças. Aqui encontramos o primeiro impacto da doença no estro de Feijó: a origem da fase “boudelairiana e lírica”, que rotulou de “tempestuosa”; a doença a influenciar a natureza dos temas do poeta. É este o período no qual predomina o tema da mulher nos seus versos, conforme nos diz Maria de Fátima Melo: “É sobre a mulher que o poeta da Ribeira Lima eleva o seu canto no limiar da sua carreira”^[7].

No 2º período, durante o qual traduziu o “Livro de Jade” de Judith Gautier para criar o “Cancioneiro Chinês”, não se encontram descritas doenças com impacto na poética do jovem diplomata. Assinalado sedutor, exposto a um ambiente social propício a contrair moléstias contagiosas em aventuras de “boudoir”, a tais males parece ter escapado depois de estadas no Brasil, no Paraguai, na Argentina (daqui contava ao amigo LM, em set.1888: ...”Arranjei um romance com uma dama”), e no Uruguai (em nov. do mesmo ano exultava: ...”Mas as mulheres, menino, as mulheres é que são da gente perder a “paciência “e fugir com elas todas)^[8 E 9].

O 3º período corresponde aos 8

meses passados em Portugal, antes da ida de Feijó para a Suécia. Nas cartas trocadas com LM neste espaço de tempo há um conjunto de sinais e sintomas que, com a sua evolução neste período e no seguinte, sugerem a ocorrência da infeção do poeta pelo agente causal da lues ou sífilis (o *Treponema pallidum*). Assim, numa das cartas ao seu amigo, datada de Lisboa a 1/9/1890, informava-o deste modo: “...Tive ‘uma aventura curiosíssima de amores’. Quando souberes vais ficar boquiaberto”. Ter-lhe-á surgido após tal “affair” a lesão primária da infeção sífilítica? É uma das hipóteses a encarar, dado o quadro clínico subsequente: as múltiplas patologias da boca, do ouvido e da garganta^[11] que não só confundiram os vários facultativos consultados, mas também atormentaram Feijó durante a estada de 8 meses de licença graciosa na sua pátria.

O 4º período inicia-se com a partida para a Suécia do poeta-diplomata em 12/01/1891, ia nos 32 anos, via Madrid, Paris e Berlim, chegando a Estocolmo passados 3 meses. Nesse ano queixou-se várias vezes de zumbidos num ouvido^[12]: “apareceu-me há cerca de um mês um zunido no ouvido esquerdo como se tivesse uma carruagem a rodar perto de mim”. No início de 1892 surgiu-lhe uma erupção cutânea: dizia estar “... com o corpo cheio de pintas como um lagarto”^[13] e, meses depois (junho) estava em Viana do Castelo, em casa do irmão José, a tratar uma grave doença ocular, com

[7] MELO, MARIA DE FÁTIMA - O LIMAR DA CARREIRA ARTÍSTICA DE AF, IN REV. DA LIGA DOS AMIGOS DO HOSP. DE PONTE DE LIMA, JUN. 2004

[8 E 9] FEIJÓ, RUI, IBIDEM - CARTAS [142] E [145]

[10] IDEM, IBIDEM - CARTA [165]

[11] IDEM, IBIDEM - CARTAS [197], [222], [207], [169], [170]

[12] [196]

[13] [201 E 202]

[14] [203]

[15] [206]

[16 E 17] [325] E [204]



FIGURA 4.

Imagem de um banho misto público (Séc. XVI)

prognóstico reservado por lhe ter surgido uma cegueira, felizmente temporária^[14].

A maior parte das manifestações da doença de Feijó ocorridas em 1892 sugerem o aparecimento de um quadro clínico do período secundário da sífilis, quando a lues é apelidada de “doença das mil faces”. E esta hipótese diagnóstica é fortemente corroborada pela notícia da ida do poeta a Paris, no inverno desse ano, para consultar o Dr. Fournier. Numa carta enviada

desta mesma cidade informava o amigo LM: “Desejo além de tudo consultar o Fournier, que é hoje a última palavra em moléstias da natureza das minhas”^[15].

Feijó empregou quase sempre eufemismos para designar a sífilis (são exemplos: “aquela infernal doença”, “o antigo mal”, “a lepra que me tem desgraçado”^[16 E 17], talvez devido à sifilofobia, prevalente na época e ainda corrente na atualidade – um tabu social –; e tal palavra não aparece citada

mais que 3 vezes nos 2 volumes da compilação de Ruí Feijó.

Cumpraqui evocar a figura de Jean Alfred Fournier (1832-1914)^[18]. Foi este médico dermato-venereologista francês, impressionado com a vaga de casos de doença sífilítica que afluía à sua consulta, quem criou a Sociedade Francesa de Profilaxia Sanitária e Moral, iniciativa a partir da qual revolucionou a luta contra a pandemia de sífilis que então grassava. A Fournier coube o mérito de demonstrar, em 1875, que não só as doenças nervosas (a paralisia geral e a tabes dorsal), afetando nomeadamente os grandes escritores e poetas, eram causadas pela sífilis, mas também de lançar as normas de prevenção desta doença devastadora de gerações de artistas, um perigo social. Baudelaire, Lord Byron, James Joyce, Kafka, Boccage, Camilo, António Boto, são alguns dos infetados que figuram agora nas longas listas mostradas na Internet^[19].

Cumpra acrescentar que Fournier é considerado benfeitor da humanidade e grande figura da História da Medicina. Ensinava e exercia clínica no Hospital de S. Luis em Paris, na época a Meca da sifilologia francesa, onde existia um célebre Museu de Cera com o objetivo de mostrar aos visitantes as lesões provocadas pela sífilis, fomentando assim a profilaxia desta doença.

A imagem de autor desconhecido que apresentamos^[20], colhida de um livro de doenças infecciosas, documenta pormenores das delí-

cias de um banho misto público no século XVI. É fácil imaginar a inevitável ocorrência a seguir a estes banhos mistos e a consequente disseminação da sífilis, “a afeção que andava à solta na Europa” no dizer de Gregorio Marañón.

Em 1893, foi exposto em Lisboa o retrato de António Feijó, pintado por Columbano Bordalo Pinheiro. Numa nossa publicação de 2004, “A gota – o tormento de António Feijó”, apresentámos a hipótese de o pintor patentear na tela a rarefação da cauda das sobancelhas do poeta (como poderá sugerir a imagem mostrada), a revelar este clássico sinal de sífilis secundária. É uma hipótese possível, dado o facto de o retratado, quando posou para Columbano, já estar infetado.

Os 4 anos seguintes decorreram cheios de queixas e tratamentos; uma cadeia de episódios originados pela sífilis do poeta, dela sobressaindo: seja uma leucoplasia na mucosa bucal^[21] (“que me priva dum dos meus maiores prazeres no exílio - fumar dúzias intermináveis de charutos”); seja “há 25 dias que estou absorvendo pela pele minas de mercúrio”^[22].

A seguir a uma fase latente (i.e. sem manifestações), tudo leva a crer que a sífilis de Feijó terá passado à fase terciária (i.e. neurosífilis) em 1895, quando, subitamente, em Berlim, começou a queixar-se de “dores horrosas nas canelas, como mas esmagassem numa prensa”^[23].

A juntar às lesões nervosas surgem



FIGURA 5.

Retrato de António Feijó por Columbano (1893)

FONTE: Arquivo Pessoal de António Feijó
(Arquivo Municipal de Ponte de Lima)



FIGURA 6.

António Feijó - um dos seus últimos retratos

FORTE - Arquivo Pessoal de António Feijó
(Arquivo Municipal de Ponte de Lima)

[181] TOODAYAN, NADEEM - JEAN ALFRED FOURNIER (1832-1914): BENEFACTOR OF HUMANITY. ED. BIRBANTE: NADEEM TOODAYAN

[191] FAMOUS PEOPLE WHO HAD SYPHILIS - WWW.FAMOUSPEOPLEAREHUMAN.COM->FAM...

[201] W. SCHREIBER, MD AND E. K. MATHYS - INFECIOUS DISEASES IN THE HISTORY OF MEDICINE, EDITIONES "ROCHE", BASLE, SWITZERLAND, 2D ED. 1987

[211] [241]

[221] [245]

[231] [249] E [305]

[241] HARRISSON'S PRINCIPLES OF INTERNAL MEDICINE, INTERN. EDIT., 1991, 12D ED

[251] [661], [710], [733], [739]

[261] FEIJÓ, RUI, IBIDEM - PÁG. 503

[271] [322]

[281] [245], [417], [730], [734], [739]

[291] DEDICATÓRIA AO POETA AF NO LIVRO "SÓ", 1.ª ED., "LEGADO AF", EXISTENTE NA BMPL.

[301] [264]

[311] [264]

as do sistema cardiovascular que, via de regra, aparecem 10 a 40 ou mais anos depois de contraída a infeção, mais marcadas na válvula e raiz da aorta (insuficiência e aneurisma) e nos orifícios das coronárias (aperto), muitas vezes complicadas pela aterosclerose destas artérias^[24]. Para a génese da aterosclerose cardiovascular contribui, como fator de risco e parte da síndrome metabólica, o aumento do ácido úrico no sangue, causador da gota de Feijó, doença reumática que mais adiante abordaremos.

Nas cartas de 1911 e 1914 Feijó queixou-se de dor no peito, a que os seus médicos chamavam de "bola hística"^[25], embora a situação descrita numa carta do filho António Nicolau^[26] favoreça o diagnóstico de uma angina de peito. A morte prematura e súbita em 1917, aos 57 anos, terá sido devida, com grande probabilidade, a um acidente isquémico cardíaco. Os dois tipos de lesões vasculares (sifilíticas e ateroscleróticas), como acima sugerimos, poderiam ter atuado em conjunto ou separadamente, não podendo por isso excluir-se a probabilidade de uma lesão sifilítica "per se" ser a causa da morte do poeta.

Para complicar o seu estado de saúde, surgiu-lhe, em set. 1899 (aos 40 anos) o 1º ataque de gota^[27]. Esta doença, apesar de ter concedido ao poeta 2 períodos de 5 e 9 anos sem manifestações clínicas (intercríticos), foi evoluindo durante quase duas décadas, martirizando-o deveras nos 2 úl-

timos anos de vida. O componente doloroso desta afeção articular causou-lhe longos períodos de imobilidade associados a crises de melancolia, com efeito suspensivo no seu estro^[28].

Na lista das doenças do poeta cabem mais duas: a ciclotimia e o perfeccionismo. A primeira, relevante na sua patografia, é a responsável pelas crises de melancolia surgidas: quer a seguir à grande dor anímica, a meio do curso universitário, causada pela morte da mãe (1880); quer, como atrás referimos, a seguir aos ataques agudos de gota; quer depois da doença e morte da mulher por neoplasia mamária, em 1915. A segunda, embora de grau "menor," reflete a escrupulosidade e exame de pormenores patentes não só na fase parnasiana, mas também nas outras expressões da poética de Feijó (o "impecável artista", no juízo de António Nobre)^[29].

Surgiu associada à infeção luética a toxicidade dos medicamentos – os sais de bismuto, os arsenicais, os mercuriais e os iodetos – então usados na tentativa de a tratar, os quais, além de irritarem o sistema nervoso^[30] - ("Veja a que chegou o opíparo Feijó, como me classificava o Eça. Um feixe de nervos todo escangalhado") -, afetam também a memória^[31], situação vivida pelo poeta ao queixar-se da quebra da sua "vis produtora": "Vejo porém com mágoa que já não tenho aquela facilidade dos tempos de Coimbra"; "...estou a absorver pela pele minas inteiras mercúrio."; "...Talvez "as águas lustrais

de bicloreto de mercúrio em que lavei os meus pecados durante quatro anos de sofrimento”. Uma componente deste sofrimento trata-se, por certo, da sialorreia, secreção abundante de saliva, que atingia por vezes um litro a litro e meio por dia, sinal considerado então de bom prognóstico por “estar a matar o micróbio,” mas que, na verdade, traduzia apenas a toxicidade do mercúrio^[32].

Quanto à influência da sífilis, doença infecciosa sexualmente transmissível, na qualidade e dimensão da temática dos artistas, parece não haver ainda solução para muitas das dúvidas surgidas, tal como aconteceu na era romântica ao encarar-se a colaboração da tuberculose nos surtos de imaginação criadora. Mentos da craveira de Susan Sontag consideram difícil garantir se a sífilis afeta o processo criativo e manipula o comportamento dos artistas infetados. Contudo, no mesmo ensaio, afirma esta autora: “... A sífilis, certamente, traz loucura e sofrimento, e eventualmente a morte, mas entre o princípio e o fim, alguma coisa terrível te aconteceu. A tua cabeça como que explode e és capaz de ter talento”, “vives uma ou duas décadas das mais intensas em frenética atividade mental antes de colapsares numa loucura total.”^[33]

Talvez não venha a despropósito lembrar que, a juntar às drogas, também o 3.º inimigo da Alma afetou a Feijó a produção literária...: “...E cá estou outra vez com a Musa entupida, e o coração

sempre inquieto. Maldita seja a carne, que é o maior inimigo da Alma! Com o Mundo e o Diabo bem eu me entendo, mas pelo que diz respeito ao 3.º inimigo, sou duma fraqueza lamentável.”^[34]. Assim desopilava com o amigo LM esta personagem, na qual reinou a graça, nos tempos das felizes cavaqueiras do Café Camões e da Botica do João Duarte na sua terra natal. Tinham fama tais conversas, continuadas, em noites de lua cheia, nas assembleias populares da alameda ribeirinha fronteirra ao Hotel do Passeio aonde os ouvintes chegavam a ir pedir emprestados bancos e cadeiras para, mais comodamente, apreciarem a verve do orador António Feijó^[35]. Mas quis o destino transformar este poeta jovial num diplomata, e o eterno exílio sofrido, contribuiu para mais um dos seus males, ao qual o amigo LM chamou de “uma incurável nostalgia”^[36].

Em conclusão, podemos afirmar que António Feijó, depois da travessia do equador de uma vida encurtada pela sífilis, teve uma existência marcada por esta e as outras doenças atrás citadas e participantes na génese da sua poética variegada, “poética caleidoscópica “Ihe chamou Zulmira Santos^[37]. Ao tentar debelar os seus males, suportou penosos e prolongados tratamentos que, de modo marcado, Ihe afetaram a memória, poderosa colaboradora no seu cinzelar exímio de estrofes. Mesmo assim, e segundo a crítica literária^[38], produziu a sua melhor poética nessa derradeira fase exis-

tencial. Deixamos esta questão: o “Sol de Inverno” e as “Novas Bailatas” demandarão um ensaio acerca dos benefícios da doença na poética do autor?

Esperamos que o estudo deste paradoxo e de outras singularidades da poética de António Feijó, mercê da sua complexidade, continue a cativar os pesquisadores atuais e futuros.

Na introdução deste trabalho lembramos uma ferida incurável do património histórico da nossa vila. Também o monumento àquele a quem chamaram “O poeta gentil-homem” sofreu, são já passadas quatro décadas, os malefícios de uma sanha anti património.

Felizmente, essa sandice irrefletida corrigiu-se.

[32] W. SCHREIBER, IBIDEM

[33] SONTAG, SUSAN - A DOENÇA COMO METÁFORA / A SIDA E AS SUAS METÁFORAS, 1973, ED. QUETZAL.

[34] [242]

[35] ARAÚJO, JOSÉ ROSA - INFORMAÇÃO PESSOAL.

[36] MAGALHÃES, LUIS DE - PREFÁCIO A “SOL DE INVERNO”

[37] SANTOS, ZULMIRA M. C. - AF : UMA POÉTICA DE SÍNTESE. DIS. DE MESTR. FLUP, 1986.

[38] RAMOS, FELICIANO - HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, 5.ª ED., LIV. CRUZ, BRAGA 1961.

“

*Mas quis o destino transformar
este poeta jovial num
diplomata, e o eterno exílio
sofrido, contribuiu para mais
um dos seus males, ao qual o
amigo LM chamou de “uma
incurável nostalgia”*

”



FIGURA 7.

Na demolição das alas do monumento a António Feijó (1973)

FIGURA 8.

Monumento depois de restaurado.

Agradecemos a colaboração de Amândio Sousa Vieira, nosso prezado amigo e distinto artista fotógrafo.

Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, aos 17 de novembro de 2017.